



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

DEILHAMAR RODRIGUES DA SILVA

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO

**Cassilândia-MS
2015**

DEILHAMAR RODRIGUES DA SILVA

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade de Cassilândia, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Letras – Habilitação Português/Inglês.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Tribesse
Patrício Dargel

**Cassilândia-MS
2015**

S579v Silva, Deilhamar Rodrigues da
A variação linguística no livro didático/ Deilhamar Rodrigues da Silva. Dourados, MS: UEMS, 2015
23 p. ; 30cm.

Artigo - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul,
Unidade Universitária de Cassilândia. Curso: Letras –
Habilitação Português/Inglês, 2015.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Tribesse Patrício
Dargel.

1.Sociolinguística. 2. Variação linguística. 3. Ensino de língua
Portuguesa. I.Título.

CDD 23.ed. 306.44

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO

DEILHAMAR RODRIGUES DA SILVA

Trabalho apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Letras
Habilitação Português/Inglês

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Ana Paula Tribesse Patrício Dargel
Presidente

Prof^ª. MSc. Camila André do Nascimento da Silva

Prof^ª. MSc. Édila de Cassia Souza Santana

Cassilândia/MS
2015

AGRADECIMENTOS

Aos meus Pais José Conceição Rodrigues de Souza e Deilhamar Marques da Silva.

À minha orientadora, Professora Dra. Ana Paula Tribesse Patrício Dargel, pelas orientações claras e precisas.

Às minhas amigas, Franciele Rodovalho, Gisele Alves e Juliana Silva, pelo incentivo e companheirismo.

Ao meu amigo Fernando Bérqamo, pela motivação mesmo longe.

Aos que acreditaram em mim e também aos não acreditaram, mas, de alguma forma contribuíram para que eu desse mais um passo a diante. “Sem luta é impossível o êxito”.

A CAPES, pela bolsa de estudos concedida.

SILVA, Deilhamar Rodrigues. *A Variação Linguística no Livro Didático*. 23 p. Trabalho de Conclusão de Curso: Letras – Habilitação Português/Inglês. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Cassilândia.

RESUMO

Neste trabalho será abordada a falta dos alicerces teóricos da Sociolinguística no ensino de Língua Portuguesa, mais especificamente no que diz respeito à variação linguística no livro didático. O objetivo é analisar como tal variação é abordada no material didático, ou seja, como são direcionados e orientados os temas: norma culta, norma padrão, variação lingüística e preconceito linguístico. O livro didático escolhido para este estudo foi o *Português: Linguagens em Conexão*, de Sette, Travalha e Starling (2013). Foram utilizadas as teorias de Bortoni-Ricardo (2004) e Bagno (2007) para a análise. Por intermédio deste estudo, foi possível constatar que o livro analisado, apesar de tentar abordar o tema da variação linguística, ainda deixa a desejar e não proporciona ao aluno, nem mesmo ao professor, o suporte necessário que possibilite a explanação do assunto e de como trabalhar essa questão sem preconceito.

Palavras-Chave: Livro didático. Ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. Sociolinguística.

SILVA, Deilhamar Rodrigues. *A Variação Linguística no Livro Didático*. 23 p. Trabalho de Conclusão de Curso: Letras – Habilitação Português/Inglês. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Cassilândia.

ABSTRACT

This paper will look at the lack of theoretical foundations of Sociolinguistics in the teaching of Portuguese language, more specifically with regard to linguistic variation in the textbook. The aim is to analyze how such a change is addressed in teaching materials, namely, as the themes are targeted and oriented: cultured norms, standard rule, linguistic variation and linguistic discrimination. The textbook chosen for this study was the Portuguese: *Languages in Connection*, Sette, Travalha and Starling (2013). Theories were used Bortoni-Ricardo (2004) and Bagno (2007) for analysis. Through this study, it was found that the book analyzed, despite trying to address the issue of linguistic variation, still leaves to be desired and does not provide the student, not even the teacher, the necessary support that enables the subject explanation and how work this issue without prejudice.

Keyword: Textbook. Teaching and learning Portuguese Language. Sociolinguistics.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. Pressupostos Teóricos.....	11
2. Procedimentos Metodológicos.....	15
3. Entendendo o Programa Nacional do Livro Didático (PNLEM).....	16
4. Análise do Livro Didático.....	17
5. Apresentação do Livro Didático.....	18
6. Considerações Finais.....	22
REFERÊNCIAS.....	22

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO

Deilhamar Rodrigues da SILVA (G-UEMS/CAPES/PIBID/UUC) ¹

deilhamar@hotmail.com

Ana Paula Tribesse Patrício DARGEL (UEMS/CAPES/PIBID/UUC) ²

tribesse@yahoo.com.br

RESUMO: Neste trabalho será abordada a falta dos alicerces teóricos da Sociolinguística no ensino de Língua Portuguesa, mais especificamente no que diz respeito à variação linguística no livro didático. O objetivo é analisar como tal variação é abordada no material didático, ou seja, como são direcionados e orientados os temas: norma culta, norma padrão, variação linguística e preconceito linguístico. O livro didático escolhido para este estudo foi o *Português: Linguagens em Conexão*, de Sette, Travalha e Starling (2013). Foram utilizadas as teorias de Bortoni-Ricardo (2004) e Bagno (2007) para a análise. Por intermédio deste estudo, foi possível constatar que o livro analisado, apesar de tentar abordar o tema da variação linguística, ainda deixa a desejar e não proporciona ao aluno, nem mesmo ao professor, o suporte necessário que possibilite a explanação do assunto e de como trabalhar essa questão sem preconceito.

Palavras-Chave: Livro didático. Ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. Sociolinguística.

ABSTRACT: This paper will look at the lack of theoretical foundations of Sociolinguistics in the teaching of Portuguese language, more specifically with regard to linguistic variation in the textbook. The aim is to analyze how such a change is addressed in teaching materials, namely, as the themes are targeted and oriented: cultured norms, standard rule, linguistic variation and linguistic discrimination. The textbook chosen for this study was the *Portuguese: Languages in Connection*, Sette, Travalha and Starling (2013). Theories were used Bortoni-Ricardo (2004) and Bagno (2007) for analysis. Through this study, it was found that the book analyzed, despite trying to address the issue of linguistic variation, still leaves to be desired and does not provide the student, not even the teacher, the necessary support that enables the subject explanation and how work this issue without prejudice.

Keyword: Textbook. Teaching and learning Portuguese Language. Sociolinguistics.

Introdução

A variação linguística no Brasil é compreendida e entendida de forma errônea, já que tem sido oprimida pela norma-padrão. Com a extensão do ensino no Brasil, por volta de 1960, houve um grande aumento do número de escolas, decorrente do processo de urbanização. Nesse período 45% da população vivia em zona urbana, 40 anos depois, o novo Censo 2000

¹ Graduanda em Letras: Português/Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Bolsista da CAPES do Programa Institucional de Iniciação a Docência do subprojeto de Letras da Unidade Universitária de Cassilândia.

² Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista, Professora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e dos Cursos de Mestrado Profissional em rede Nacional Profletras e Mestrado Acadêmico em Letras na unidade Universitária de Campo Grande.

do IBGE revelou que 80% dos brasileiros moram nas cidades, junto com esse processo de urbanização, surgem periferias nas cidades. Dessa forma, a escola pública passa a atender amplas camadas sociais que até então eram excluídas do ensino formal por viverem fora da zona urbana. (BAGNO, 2007, p. 30).

De forma empírica, observa-se que os livros didáticos são um tanto quanto incompletos a respeito da variação linguística, tendo em vista que, geralmente, o livro didático (LD) quando trata sobre variação linguística utiliza como exemplo as histórias em quadrinho do *Chico Bento*, personagem fictício criado por Maurício de Sousa. A principal característica do personagem é o dialeto caipira baseado na variação linguística do interior de São Paulo (BAGNO, 2007, p.122). Entretanto, não há quem realmente utilize o falar do Chico Bento no Brasil.

Sabe-se que há uma mutabilidade, uma instabilidade na língua, ou seja, ela sempre se transforma com o passar do tempo e, com isso, surgem novas palavras todos os dias, chamadas neologismos (surgimento e/ou criação de palavras novas derivadas ou não de outras já existentes), da mesma forma que outras palavras entram em desuso. Se percorrermos todo território brasileiro é possível encontrar exemplos de variação linguística no nordeste, chamada *baianês*, no sul o *gauchês* e no sudeste o *carioquês*.

Entretanto, é claro que não há apenas esses falares no Brasil. O leigo aponta para esses três (*baianês*, *gauchês* e *carioquês*) e para o caipira, mas a diversidade é bem mais ampla. Assim como no estado de Mato Grosso do Sul-MS, verifica-se também, dentre as regiões do estado, a existência de falares bem definidos, a saber: da região sul: Dourados, Amambai, Naviraí; leste: Paranaíba, Cassilândia, Aparecida do Taboado. Isso sem contar os municípios que apresentam marcas de contato linguístico como Chapadão do Sul, São Gabriel do Oeste, Ponta Porã, Corumbá etc.

Segundo os dados do IBGE 2010, no Brasil concentra-se mais de 180 milhões de habitantes e cerca de duzentos idiomas (incluindo as línguas indígenas, aproximadamente 170 convivem com o português brasileiro e aproximadamente trinta línguas oriundas dos imigrantes desde o início do século XIX, após a independência, em 1822).³

Coelho (2007), admite que o conhecimento da heterogeneidade das línguas seja o caminho para alterar a concepção de que não há uma única língua no Brasil. A escola pode reverter essa concepção reformulando o ensino de Língua Portuguesa. Nesse caso, não basta apenas reformular o ensino, é preciso qualificar os professores, para que, dessa forma, não

³Disponível em:< HTTP: <http://www.ipea.gov.br/desafios/> >>. Acesso em: 25 de outubro de 2015

cometam equívocos em sala de aula, constringendo o aluno com relação à forma que ele fala sem saber se é errado ou não. A seguir apresentamos alguns pressupostos teóricos que subsidiaram este estudo.

1. Pressupostos teóricos

O papel do professor de Língua Portuguesa é de adaptar a fala dos alunos à “norma-padrão”, ou seja, um modelo considerado como certo. Por meio de estudos mais aprofundados sobre a heterogeneidade linguística, a sociolinguística norteou como deveria ser o tratamento da variação linguística para os professores. Esse trabalho é inútil, pois é visível o engrandecimento da norma-padrão dentro do ensino de Língua Portuguesa ou mesmo pela escola (COELHO, 2007, p.1). Nesse sentido Bortoni-Ricardo (2014, p. 38) afirma que o padrão de comportamento do professor em relação ao uso de regras não padrão pelos alunos depende basicamente do tipo do evento em que essas regras ocorrem. Por exemplo, cabe ao professor decidir se corrige ou não o aluno (por medo de ser mal interpretado e o aluno virar motivo de chacota pelos colegas) caso este diga algo considerado errado pela norma padrão, como conjugar um verbo de forma errônea.

É preciso ressaltar que não é pertinente para o professor corrigir a fala de um aluno sem ter conhecimento de sua realidade, isso só reforça o preconceito linguístico que envolve fatores sociais, uma vez que dentro da escola há alunos originados de todas as classes sociais.

Bortoni-Ricardo (2014) enfatiza algumas problemáticas em sala de aula. Alguns professores identificam erros de leitura, ou seja, erros de decodificação do material que está sendo lido e o professor, por não saber distinguir entre as diferenças dialetais e erros de decodificação na leitura, tratam-os da mesma forma. O professor pode até perceber o uso de regras não padrão, mas prefere não intervir para não constranger o aluno.

De acordo com Coelho (2007), o livro didático é considerado uma ferramenta de ensino que a escola pode usar para cumprir a tarefa de ensinar a população e a orientar quanto ao uso da variedade linguística sem discriminação de raça, etnia e etc.

Segundo o Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio⁴ (2015),

Ao abordar a variação linguística no livro didático, o objetivo é estender e aprofundar a convivência do aluno com a diversidade e a complexidade da Língua Portuguesa (LP) em vários âmbitos tais como seus aspectos e possibilidades de usos, permitindo ao aluno o acesso satisfatório e qualificador à cultura escrita para jovens e adultos, desenvolvendo a proficiência na fala em seus diversos usos, leitura e até

⁴ PNLDEM.

mesmo em produção de diferentes gêneros textuais que sejam de grande relevância para o ensino e em sua caminhada na vida escolar ou mesmo como cidadão.

No PNLDEM (2015), é assinalado que a permanência da disciplina de Língua Portuguesa no Ensino Médio é papel central na linguagem, “tanto nas práticas sociais de diferentes âmbitos e níveis de atividade humana, quanto na aquisição pessoal de conhecimentos”.

Nesse sentido, o PNLDEM (2015) ressalta que conhecer a língua, refletir sobre ela, assim como a construção de conhecimentos correspondentes à linguagem, tal como sua historicidade, representação científica e organização faz parte da representação básica do intelecto que o próprio exercício de cidadania faz um pressuposto. Dando ênfase cultural à literatura, quanto ao papel específico da literatura brasileira na cultura e na vida social do país e incrementa a familiaridade com tais produções literárias de Língua Portuguesa e conhecimento recorrente da experiência.

Conforme Coelho (2007), para educar a população e aprimorar o ensino de Língua Portuguesa, o livro didático será um grande aliado, entretanto, deve atender às exigências do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Além da distribuição gratuita dos livros para rede pública de ensino, o livro didático tem como principal objetivo subsidiar o trabalho pedagógico dos professores.

De acordo com os critérios do Ministério da Educação⁵ (MEC), depois dos livros didáticos avaliados, é publicado pelo MEC o Guia dos Livros Didáticos com resenhas das coleções consideradas aptas. Feito isso, o guia é encaminhado às escolas públicas para que escolham entre os títulos disponíveis, aqueles que melhor atendem ao seu projeto político-pedagógico. Esse programa é realizado em ciclos trienais alternados. Os livros distribuídos deverão ser conservados e devolvidos para utilização por outros alunos nos anos subsequentes. O PNLD também atende à educação especial. O MEC distribui obras didáticas em *Braille* de língua portuguesa, matemática, ciências, história, geografia e dicionários.

As editoras, por sua vez, devem analisar alguns critérios exigidos pelo MEC, tais como evitar erros conceituais, preconceitos, não somente em relação à língua e suas variedades, mas ligados à etnia, cor, raça, idade, religião e etc. Dos demais critérios específicos para cada área, especificamente para Língua Portuguesa, deve-se considerar a língua padrão dentro do contexto de variação linguística, sem deturpar as demais variedades linguísticas.

⁵ Disponível em: <HTTP: <http://portal.mec.gov.br/pnld>> Acesso em: 26 de Outubro de 2015.

Conforme o PNLD (2015), “no ensino de norma culta se torna necessário: abordagem de fatores socioculturais e políticos que entram na questão de ideais e padrões linguísticos”. O PNLEM também tem como objetivo considerar a norma-padrão como variação, encaixando-a ao contexto de variação linguística sem desfazer as outras variedades. (PNLEM, 2014)

Ao refletir sobre a relevância do papel da escola em ajudar o aluno a internalizar a realidade linguística, tal como suas contradições e variedade, a estrutura e o funcionamento da língua em seu âmbito social, cultural, regional e em diversas situações, o livro didático é uma ferramenta poderosa para promover a inclusão de seus alunos na cultura de letramento, porém, é importante verificar a falta da variação linguística nesse importante instrumento.

Apesar do rigoroso trabalho em elaborar um excelente material pedagógico, a ausência das variedades linguísticas no livro didático é um problema. É notável em muitas obras a tentativa de alguns autores em combater o preconceito linguístico e de valorizar a multiplicidade do “português brasileiro”, mas infelizmente o trabalho permanece inábil, pois falta respaldo teórico para tratar de variação linguística. Pode-se levar em consideração que também há uma confusão no uso de termos com relação à abordagem da variação linguística nos livros didáticos, fato que acaba comprometendo a obra, como por exemplo, a confusão que há entre norma padrão e norma culta.

Não se pode aceitar que a língua é um objeto homogêneo, pois ela está sujeita a mutabilidade, as pessoas mudam de cidade a todo o momento e, com isso, as línguas nunca permanecem iguais. Não podemos tratar a variação linguística como um problema, acreditando que há línguas perfeitas, pois, se assim fossem, o vocabulário da língua, em sua totalidade, estaria contida no dicionário. Pode parecer espantoso, mas as línguas não estão registradas por inteiro no dicionário e nem há essa possibilidade, pois surgem novas palavras todos os dias, seja por neologismos ou estrangeirismos. Seria um problema dizer que há uma língua perfeita, Assim, variedades linguísticas são as distorções linguísticas que uma língua sofre, que anda na contramão do sistema, divergente de um modelo pré-estabelecido como certo, que inflige a sociedade a aderir um modelo de língua e que as demais são erros, caso não sigam corretamente a norma-padrão. Em relação à norma-padrão, Bagno (2010) afirma:

uma vez que isso só reforçaria o preconceito linguístico em querer infligir uma norma-padrão (modelo de língua considerada como certa).

Os linguistas não consideram o processo de constituição de uma norma-padrão como uma coisa intrinsecamente negativa. Eles sabem que a vida social é regulada por normas, entre quais estão às normas de comportamento linguístico. Os linguistas simplesmente chamam a atenção para o fato da normatização da língua não ser um processo

“natural”, mas sim um resultado de ações humanas conscientes, ditadas por necessidades políticas e culturais, e nas quais imperam frequentemente uma ideologia obscurantista, dogmática e autoritária. Alguns linguistas (mas nem todos!) acreditam que uma norma-padrão poderia até ser um elemento cultural desejável, desde que constituída com o auxílio da pesquisa científica e com base em projetos sociais democráticos e não excludentes. (BAGNO, 2010, p. 37).

Pode-se considerar louvável a afirmação de que a norma-padrão seria um elemento desejável se acompanhada da pesquisa científica com base em projetos que não promovem o preconceito linguístico. Uma vez que não existe essa questão de que uma língua seja mais bonita que outra, ou de que não há uma variedade melhor ou mais certa do que a outra. Conforme Bagno (2010), o que há são infinitas variedades linguísticas, desde as mais prestigiadas às mais desonradas, que se configuram entre variedades técnicas ou profissionais: os jargões, o *juridiquês* (linguagem usada pelos advogados ou bacharéis em direito), ou seja, isso engloba várias linguagens usadas dentro de um âmbito profissional. (COELHO, 2007)

As variações linguísticas podem assim ser definidas:

a. *Variação diacrônica*: é a que se dá através de tempos. A língua tem uma história externa à maneira com que evolui ao longo do tempo, em suas evoluções e transformações. Ou seja, é aquela variação em que se verificam diferenças entre diferentes etapas de história de uma língua. Um exemplo comum de variação diacrônica é a gramaticalização, ou seja, o processo pelo qual o sentido de uma palavra assume funções gramaticais: um exemplo de formação gramatical é do pronome você que, com o passar dos tempos, sofreu mutações de Vossa Mercê, vosmecê, vossuncê até chegar o pronome pessoal utilizado hoje: você. (ILARI e BASSO, 2011, p. 152)

b. *Variação diatópica*: é a variante que se dá através dos lugares. Trata-se de diferenças que uma mesma língua apresenta dependendo do espaço, ou seja, em diferentes regiões de um mesmo país, seja em zonas urbanas ou rurais. (BAGNO 2007, p.46)

c. *Variação diastrática*: é a variante encontrada em pessoas de níveis de escolaridade diferentes. Esse fenômeno ocorre quando se vê diferentes estratos de população como idade, gênero, etc. De modo geral, é a forma de falar de diferentes classes sociais. (BAGNO 2007, p.46)

d. *Variação diamésica*: trata-se da variação de diferentes meios ou veículos. A variação diamésica ressalta as diferenças entre língua falada e língua escrita. Ilari e Basso afirmam que “uma longa tradição escolar acostumou às pessoas a vigiar a escrita e dar menos atenção à fala, por isso muita gente pensa que fala da mesma forma que escreve”. (ILARI e BASSO, 2011, p. 181)

e. *Variação diafásica*: é o uso que cada indivíduo faz com sua língua de acordo com o grau de indicadores que ele realiza ao seu comportamento verbal. Ou seja, a maneira de falar do indivíduo muda de acordo com o ambiente: mais formal ou informal. Em outras palavras, é a variação que se dá através de dias como propriamente o nome sugere. (BAGNO 2007, p.47).

É necessário também evidenciar as diferenças entre norma-padrão e norma culta, a norma padrão não entra no conceito de variação, não corresponde a nenhum uso da língua, é um modelo abstrato de língua imposta pelos gramáticos, uma receita de como se falar. Já a norma culta é um modelo idealizado de língua “certa”, falada pelas classes mais elevadas compostas de intelectuais da zona urbana. (BAGNO 2007, p.130-131)

2. Procedimentos metodológicos

De modo geral, este trabalho tem como objetivo avaliar a variação linguística no livro didático cujo título é Português: Linguagens em conexão, volume 1, de Maria da Graça Leão Sette, Márcia Antônia Travalha e Maria do Rozário Starling. É importante destacar, nessa análise, o quanto ainda é precário o tratamento da variação linguística no livro didático e como se dá a abordagem da mesma na obra em análise.

De forma geral, serão analisadas as concepções sociolinguísticas arroladas nesse livro, utilizado na Escola Estadual São José na cidade de Cassilândia-MS.

Partindo para o âmbito de objetivos gerais desta pesquisa, serão tratadas as seguintes questões disponíveis em Bagno (2010):

- a) O LD escolhido para análise aborda a variação linguística?
- b) O LD escolhido menciona a pluralidade de línguas existentes no Brasil?
- c) O tratamento da variação linguística se limita somente as variantes rurais e regionais no LD em estudo?
- d) O LD aborda características das variantes prestigiadas?
- e) O LD separa a noção de norma-padrão da norma-culta?
- f) O LD se pauta nas noções de *é certo* ou *errado*?
- g) O LD analisado explica diferentes tipos de variedades linguísticas?
- h) O LD em pauta lida com variação existente entre a fala e a escrita?

Esta pesquisa tem como um dos pontos principais salientar a abordagem e a forma que é tratada a variação linguística no livro didático, bem como a falta de teorias sociolinguísticas. Também há um foco voltado ao manual do livro didático usado pelo professor, instrumento didático cuja função é fornecer subsídios para atualização e formação do professor.

Temos em mente o pressuposto de que, conforme Bagno (2007), a língua é heterogênea em um conceito sociolinguístico e é de se esperar que as línguas variem, ou seja, de que elas sempre se multipliquem e estejam em um processo contínuo de desconstrução e construção, pois a língua é instável.

Justamente por a língua ter essa característica, alguns caem no abismo de acreditar que ela é um objeto sólido, pronto e acabado. As línguas são como as ondas do mar que ficam em um constante ir e vir e jamais param de se agitar, ou seja, elas se movimentam conforme estiver o mar. Do mesmo modo, a língua muda de acordo com os aspectos ambientais que cercam o homem.

3. Entendendo o programa nacional do ensino médio (PNLEM)

De acordo com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), o Programa Nacional do Livro Didático Ensino Médio (PNLEM) começou em 2004⁶ e a princípio, abrangia apenas as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática. Em 1996, ano em que foi instituído o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), os livros didáticos de Língua Portuguesa foram sendo aperfeiçoados conforme as exigências do MEC concernente à qualidade.

O Ministério da Educação avalia, compra e destina as obras para o ensino de diferentes disciplinas. Esse processo de avaliação do LD de Língua Portuguesa envolve muitos linguistas e educadores, que juntos contribuem de forma relevante para elaboração de uma verdadeira política linguística exercida por meio do LD.

As escolas que desejam participar do PNLD devem manifestar interesse, diante de adesão formal, observando normas e prazos estabelecidos pelo MEC. Os beneficiários que não desejarem mais receber os livros didáticos precisam solicitar a suspensão das remessas de material ou a sua exclusão do programa.

A adesão deve ser atualizada sempre até o final do mês de maio do ano anterior àquele em que a entidade deseja ser atendida. Os editais que estabelecem as regras para a inscrição do LD são publicados no Diário Oficial da União e disponibilizados no portal do FNDE na internet. Por parte da editora, os editais determinam a inscrição da obra, posteriormente é feita uma triagem e os livros selecionados são encaminhados à Secretaria de Educação Básica (SEB/MEC), responsável pela avaliação pedagógica dos LDs.

⁶ Disponível em: <HTTP: <http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico>>. Acesso em: 1 Novembro de 2015.

A SEB escolhe os especialistas que elaboram as resenhas das obras selecionadas, que compõem o guia do livro didático e o FNDE disponibiliza esse material impresso pela *internet* e também encaminha para as escolas cadastradas. Dessa forma, os LDs passam por um sério processo de escolha com base no guia de LDs enviado às escolas, pois o diretor e o professor verificam e escolhem as obras que serão utilizadas pelo aluno. O processo de formalização da escolha dos LDs é feita via *internet*. Feito esse procedimento, entra a aquisição; posteriormente é feito todo um processo de negociação com a editora sob a licitação, prevista na Lei 8.666/93, levando em consideração que as escolhas dos livros são efetivadas pelas escolas e que são as editoras específicas que detêm o direito de produção de cada livro.

Contudo, efetivando a negociação, o FNDE avalia a quantidade de livros a serem produzidos e as localidades a que eles sejam distribuídos pelas editoras. Depois disso, inicia-se o processo de supervisão desse trabalho pelos técnicos do FNDE. O Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT) analisa e acompanha todo esse árduo trabalho, sendo responsável pela coleta de amostras e pela análise das características físicas dos livros, de acordo com as exigências da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). A distribuição dos livros é feita em parceria do FNDE e os Correios, que distribuem os livros para as escolas. A chegada prevista dos livros é no mês de outubro. Os LDs devem ser devolvidos no final de cada ano letivo. (FNDE, 2014)

4. Análise do livro didático

Quadro1: LD analisado

Título	Autores	Editora
Português: Linguagens em conexão. Volume 1	Maria das Graças Leão Sette, Márcia Antônia Travalha, Maria do Rozário Starling de Barros	Leya

Fonte: Fonte: Silva (2015)

5. Apresentação do livro didático

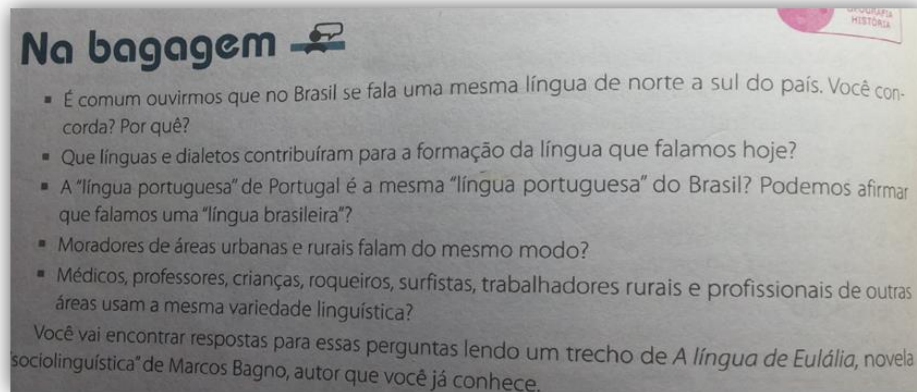
Segundo o Guia do Livro Didático, Programa Nacional do Ensino Médio 2015, a obra *Português: Linguagem e Conexão*, das autoras Graça Sette, Márcia Travalha e Rozário Starling, foi organizada como manual orientado por princípios sociointeracionistas e tem uma proposta pedagógica que permite ao aluno diferentes apropriações de recursos da língua. A obra traz variedades de diferentes gêneros textuais.

Apesar de ser uma obra utilizada como material de apoio na Escola Estadual São José em Cassilândia-MS e que indica tratar da variação linguística, a sociolinguística é desconsiderada pelo professor em sala de aula⁷ e, quando é abordada, ainda é compreendida de forma equivocada sendo tratada como erro linguístico, forçando o aluno a se adaptar à norma-padrão como se fosse uma variante real e que as demais não existissem. Sem dúvida, falta uma renovação no ensino de Língua Portuguesa e cursos de capacitação para os professores com o objetivo de fazê-los entender a importância de trabalhar a variação linguística de forma abrangente e sem reforçar o preconceito linguístico na escola.

A obra escolhida aborda a variação linguística no Capítulo 25, denominado Variedades Linguística, da página 292 a 300. O capítulo menciona a diferença entre o Português do Brasil e o Português de Portugal. As autoras questionam o aluno perguntando se médicos, professores, surfistas, trabalhadores rurais e profissionais de outras áreas usam a mesma variedade rural. Contudo, o capítulo não traz fundamentos teóricos para distinguir cada variedade linguística e o porquê de cada uma. A obra analisada atende aos requisitos estabelecidos pelo MEC, mas com relação à abordagem de variação linguística é muito superficial e de pouca teoria.

⁷ Fato notado pelas observações durante o estágio supervisionado em Língua Portuguesa.

Figura I: Fragmento do livro



Fonte: Silva (2015)

Ainda no capítulo 25, entre as páginas 292 e 296, conforme mostra a Figura 1, as autoras usam um fragmento do livro, *A língua de Eulália: Novela sociolinguística* de Marcos Bagno, para falar das variedades linguísticas a usando como material teórico essencial. Entendemos que a ideia é boa, mas vaga, pois se o professor não tiver conhecimento dessa novela sociolinguística, se não tiver lido a obra por inteiro e não tiver nenhum respaldo teórico para falar de variação linguística e usar apenas esse fragmento do livro pode distorcer ainda mais o entendimento das variedades linguísticas por parte do aluno. De forma não intencional, o professor poderá reforçar o preconceito linguístico referente às classes menos privilegiadas, por mais que o fragmento do texto cite outras variedades e as explique superficialmente.

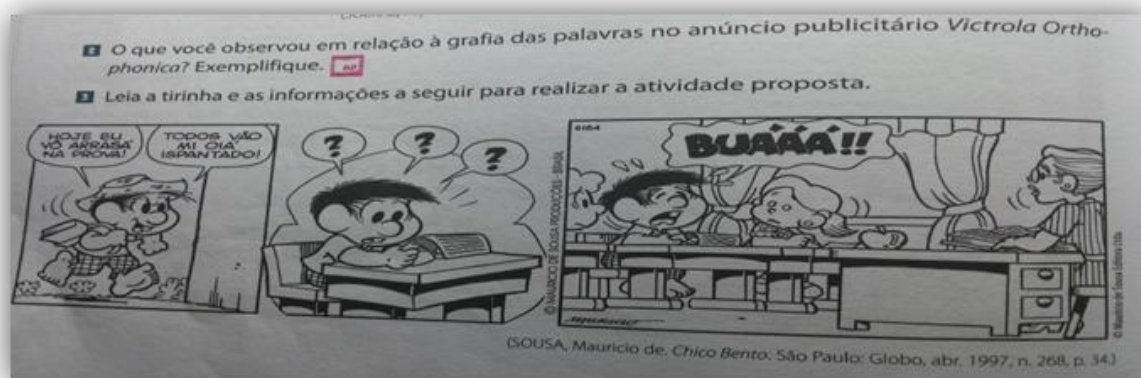
Posteriormente, na página 296, o LD apresenta alguns exercícios que propõem diferenciar os conceitos de norma-padrão e norma culta. Entretanto, deixa esses dois conceitos de variantes muito confusos pois quem ler poderá subentender que os dois conceitos de norma se referem à uma só noção. Por mais que a intenção das autoras seja sanar as dúvidas a respeito de variação e, por meio dos exercícios, trabalhar de forma mais abrangente, ainda assim deixa a desejar.

A obra analisada não caracteriza em seus exercícios a diferença entre fala e escrita. Nas páginas 300 e 301, é apresentada no LD uma tirinha de Chico Bento, conforme mostra a Figura 2, para abordar as variedades linguísticas. As autoras não conseguem trabalhar de forma satisfatória ao tratarem do assunto variação linguística, pois não é somente a língua de Chico Bento que varia e não há outro exemplo de variação para que se possa fazer uma comparação com o falar de Chico. Por mais que a proposta nos exercícios enfatizem as questões lexicosemânticas, fonéticas e gramaticais, é reforçada a ideia de que há variação apenas para o *caipirês* falado pelo personagem.

Mesmo o livro trazendo um fragmento do livro *A Língua de Eulália*, o professor pode utilizar as tirinhas de Chico Bento como objeto de estudo a respeito do assunto. Além disso, o professor pode explicar as tirinhas de Chico Bento como uma variedade única e, mais do que

isso, poderá tratar como erro linguístico, quando na verdade o que há são variedades linguísticas e não erros

Figura 2: Foto como ilustração



Fonte: Silva (2015)

É extremamente relevante que o professor tome parte de todos os conceitos de variação linguística, seus fatores e origem. Além disso, também se considera necessário o professor entender de maneira eficaz o que é variação linguística e não se prender apenas no conteúdo apresentado no livro didático.

Nessa concepção, o professor se posiciona e, dessa forma, só reforça o preconceito linguístico em sala de aula com relação às variantes de origem rural. Não é somente a língua de Chico Bento que varia, no Brasil há uma diversidade riquíssima de falares. Segundo o IPEA, o Brasil está entre os países de maior diversidade linguística.

Então como afirmar que só a língua de Chico Bento varia? E, mais grave do que isso, porque utilizá-lo como objeto de estudo no ensino de variação linguística? Segundo Bagno (2010), o autor de Chico Bento, Maurício de Sousa, utiliza elementos fonológicos que não são verdadeiros para enfeitar a fala do personagem nas famosas tirinhas utilizadas em alguns livros didáticos, por isso não são edificantes utilizar essas tirinhas como objeto de estudo no ensino de variação linguística, exceto que o professor situe elementos verdadeiros, sem reforçar o preconceito. (BAGNO, 2010, p.122)

Outra questão a ser reforçada é que, entrando em um âmbito geográfico, a língua varia de um lugar para o outro. Não há possibilidades de um sujeito no Rio de Janeiro falar da mesma forma que um morador de Goiânia. Ainda, o grau de escolarização é um fato importante a se considerar, pois, quanto maior for o nível de escolaridade de um indivíduo, melhor será seu modo de expressar por ter tido acesso à educação. A idade é outro fator

extralinguístico que influencia a fala, os jovens não costumam falar do mesmo modo que as pessoas mais velhas, aquela fala se torna arcaica, pois a língua muda com o passar do tempo. Podemos situar também que há variações referentes ao sexo: divergências entre a fala masculina e a fala feminina. Há inúmeras variações no ambiente de trabalho e até mesmo nas redes sociais.

Nessa orientação, cabe ao educador conhecer os fatores extralinguísticos e conseguir levá-los para sala de aula de maneira mais abrangente e sem preconceitos ao discutir com os alunos as diferentes variedades linguísticas, o porquê de cada uma, fazer um percurso diacrônico até os dias atuais e trabalhar melhor os textos em sala, sem recorrer ao clichê passar o texto para a norma culta. O professor deve aproveitar melhor os textos em que há ocorrência de variação linguística no livro didático e reforçar estudos a respeito das variantes. Nesse sentido, Bortoni-Ricardo (2004) afirma:

Até hoje, os professores não sabem bem como agir diante dos chamados “erros de português”. Erros de português são simplesmente diferenças entre variedades da língua. Com frequência, essas diferenças se apresentam entre a variedade usada no domínio do lar, onde predomina uma cultura de oralidade, em relações permeadas pelo afeto e informalidade como vimos, e culturas de letramento, como o que é cultivada na escola. (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 37)

Diante dessa afirmação, fica claro que falta ao professor de saber lidar com essas situações e conseguir explicar e esclarecer a diferença que há entre erro linguístico e variação linguística. O que se vê, infelizmente, é o professor agindo de forma preconceituosa e até ignorante com relação às variedades linguísticas, quando ele poderia usar o livro didático como ferramenta que propiciaria a oportunidade de conhecer melhor essas variedades juntamente com seus alunos.

Alguns linguistas no Brasil têm feito um importante trabalho para mostrar que é pedagogicamente incorreto usar a incidência do que é considerado um erro do educando, de acordo com a norma padrão, como uma oportunidade para humilhá-lo. Esses linguistas mostram que é possível uma pedagogia culturalmente sensível aos saberes do educando, atentos à cultura que ele apresenta na escola.

De modo geral é importante que o professor tenha consciência dos fatores extralinguísticos e tenha um conhecimento mais sólido a respeito da sociolinguística e que não esteja pautado somente nos livros didáticos que, muitas vezes, são incautos com relação ao preconceito linguístico. (BORTONI-RICARDO, 2004)

6. Considerações finais

Apesar de as autoras terem atendido à orientação e critérios estabelecidos pelo MEC para abordar a variação linguística no LD de forma não preconceituosa, falta ainda muito embasamento teórico para abordar o tema. Infelizmente, há confusão entre coceitos de noma-culta e norma-padrão.

No LD analisado, o tema foi pouco explorado e o direcionamento para o professor foi bem falho. Todavia, apesar da pouca teoria apresentada para o tramento de variação linguística na obra em questão, notou-se uma certa vontade de acertar no que concerne ao tema em foco. É necessário um reforço na teoria para que o objetivo de ensinar e de se fazer compreender a variação linguística sem causar preconceito seja alcançado.

Ensinar variação linguística não é simplesmente usar uma tirinha em que representa um determinada variante, ou um fragmento de um texto, mas saber lidar até mesmo com as variantes em sala de aula sem constranger o aluno, aproveitando-se de estratégias pedagógicas para enfatizar aquela variante e expôr mais exemplos reais.

Não se pode desconsiderar que o LD costuma ser o porta-voz do professor. Dessa forma, se o LD apresentar lacunas em parte do conteúdo, o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa também será incompleto ou de acordo com as orientações recomendadas pelo próprio PNLDEM. Quase que, unanimamente, o discurso do professor é pautado no do LD.

Referências

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial. 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: A sociolinguística em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial. 2004.

COELHO, Paula Maria Cobucci Ribeiro. **O tratamento das variações Linguísticas no Livro Didático**. Brasília: UnB, 2007.

Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/desafios> . Acesso em: 25 de Outubro de 2015.

Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pnld>. Acesso em: 26 Outubro de 2015.

Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico>. Acesso em: 1 Novembro 2015.

Guia de Livros didáticos. PNLD 2015. **Língua portuguesa: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2014.

ILARI, Rodolfo e BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos e a língua que falamos**. São Paulo: Contexto. 2011.

MARTINS, Marco Antônio; VIEIRA, Silvia Rodrigues e TAVARES, Maria Alice. **Ensino de Português e Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

SETTE, Maria das Graças Leão; TRAVALHA, Márcia Antônia; STARLING; Maria do Rozário. **Português: Linguagens e conexão**. São Paulo: Leya, 2013.